

Cultura, design e envelhecimento: tecendo um diálogo entre Zygmunt Bauman e Vilém Flusser

Culture, design and aging: promoting a dialogue between Zygmunt Bauman and Vilém Flusser

Maria Aparecida Padilha Ribeiro, Ms, PPG Design /UnB, Brasil <m.padilharibeiro@gmail.com>

Ana Claudia Maynardes, Dra, PPG Design /UnB, Brasil <anacmay@gmail.com>

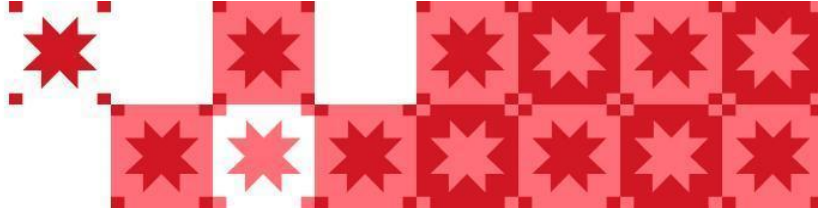
Andrea Cristina dos Santos, Dra, PPG Design /UnB, Brasil <andreakieck@gmail.com>

cultura, design, envelhecimento

Este artigo propõe um diálogo entre cultura, design e envelhecimento a partir da teoria de Bauman e Flusser. O objetivo é compreender como as transformações culturais tensionam o envelhecer, evidenciando como espaços, objetos e arquiteturas influenciam nesse processo. Analisamos o envelhecimento como um fenômeno simultaneamente sociocultural e material, produzido por discursos, artefatos e práticas projetuais. Conclui-se que ao aproximar cultura e design estabelecemos fundamentos para a construção de políticas públicas, narrativas e soluções espaciais que reconheçam a velhice como etapa significativa da vida.

culture, design, aging

This article proposes a dialogue between culture, design and aging based on the theories of Bauman and Flusser. The objective is to understand how cultural transformations create tension around aging, highlighting how spaces, objects and architecture influence this process. We analyze aging as a simultaneously sociocultural and material phenomenon, produced by discourses, artifacts and design practices. We conclude that by bringing culture and design closer together, we establish foundations for the construction of public policies, narratives and spatial solutions that recognize aging as a significant stage of life.



1 Introdução

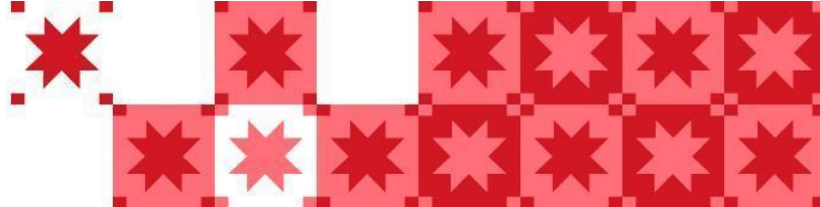
Uma pessoa nascida no Brasil em 1940, segundo a Tábua de Mortalidade do IBGE¹, tinha como expectativa de vida, em média, 45,5 anos, considerando homens e mulheres. Esse valor aumentou para 62,5 anos para os nascidos em 1980 e alcançou 76,4 para aqueles nascidos em 2023. Um salto de 30,9 anos ao longo de mais de oito décadas. Os dados demonstram não apenas uma transformação demográfica, mas a reconfiguração do perfil etário do Brasil, principalmente para aqueles que possuem 80 anos ou mais. Em 1940, a expectativa de vida aos 80 anos era de 4,5 anos para mulheres e 4,0 para homens. Em 2023, esses valores chegaram a 9,4 e 8,3, respectivamente, mesmo após os impactos da pandemia de COVID-19.

As Projeções de População do IBGE reforçam esses dados: entre 2000 e 2023, a proporção de idosos (pessoas com 60 anos ou mais, conforme estabelecido no Estatuto da Pessoa Idosa) quase dobrou, passando de 8,7% para 15,6%, o que significa um salto de 15,2 para 33 milhões de pessoas. Estima-se que, em 2031, o percentual de idosos ultrapasse o de crianças e, em 2070, aproximadamente 37,8% da população brasileira, cerca de 75,3 milhões de pessoas, será composta por idosos. O grupo que mais crescerá é o dos 80 anos ou mais, atingindo 426 milhões até 2050², sendo responsável por transformações profundas nas dinâmicas sociais, econômicas e culturais.

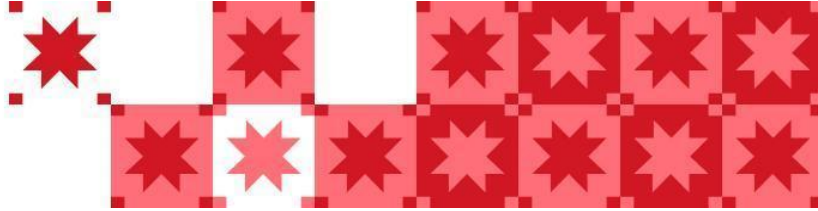
O envelhecimento populacional configura uma das mudanças estruturais mais relevantes do século XXI, suscitando debates importantes sobre saúde, bem estar, cuidado, autonomia, cidadania e políticas públicas. Contudo, compreender o envelhecimento exige ir além dos dados estatísticos, é necessário incorporar as perspectivas culturais, sociológicas e filosóficas que permitam entender como diferentes sociedades constroem sentidos, expectativas e valores relacionados à velhice. Desta forma, as obras de Zygmunt Bauman (2012) e Vilém Flusser (2010) oferecem fundamentos teóricos para investigar o envelhecer como um processo atravessado por narrativas, significados, memórias, materialidades, práticas sociais e culturais.

Além disso, o envelhecimento vem carregado de representações culturais como ser “velho”, “inútil”, “improdutivo” que emergem e se estabilizam nas sociedades contemporâneas, produzindo efeitos na participação social das pessoas idosas. Estas representações mobilizam uma leitura crítica das formas pelas quais a cultura constrói significados sobre a idade e, simultaneamente, contribuem para a legitimação de práticas culturais que podem reforçar desigualdades sociais e estruturais.

¹ Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73097>.



² Disponível em <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ageing-and-health>.

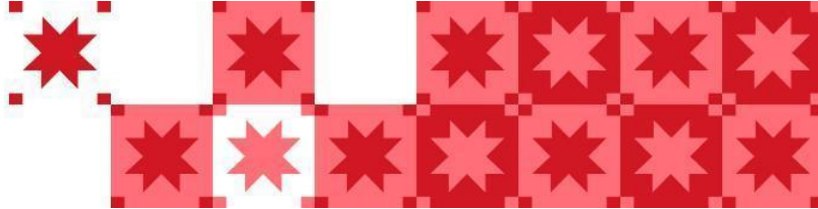


Para analisar essa problemática, este artigo, elaborado na disciplina "Design, Cultura e Materialidade", do Programa de Pós-graduação em Design, da Universidade de Brasília, estabelece um diálogo teórico entre as reflexões de Zygmunt Bauman (2009, 2012) sobre cultura e modernidade e as contribuições de Vilém Flusser (2010) sobre design, forma e artefatos. Dois cenários orientam a investigação. O primeiro propõe que a cultura de consumo e de performance, analisada por Bauman e Flusser, contribuem para o "idadismo" ao valorizar juventude, agilidade e inovação, convertendo o corpo envelhecido em um "objeto inadequado" dentro das lógicas sociais. O segundo afirma que as desigualdades acumuladas ao longo da vida produzem "múltiplas velhices" (Kalache, 2025), nas quais apenas os grupos privilegiados podem usufruir de uma vida longa. Desse modo, a cultura não apenas reflete, mas reproduz as desigualdades e os preconceitos.

Kalache (2025) e Priori (2025) apontam que o envelhecimento é profundamente influenciado por fatores estruturais, tais como classe, raça, gênero, território e condições de vida, que tornam a velhice uma experiência múltipla, desigual e excludente. Os aportes de Bauman, ao compreender a cultura como um sistema normativo que define pertencimentos e legitimidades, e de Flusser, ao analisar como formas, aparelhos e programações moldam comportamentos e percepções, oferecem a base teórica para entender essas representações.

É nesse contexto que o presente artigo tem como objetivo analisar como as construções culturais sobre o envelhecimento são produzidas e mantidas nas sociedades contemporâneas, articulando as contribuições teóricas de Bauman e Flusser para compreender o papel da cultura e dos artefatos na configuração da experiência da velhice. Ainda que envelheçamos diariamente, as formas de viver a velhice são moldadas por valores, crenças e estruturas sociais que variam entre culturas tradicionais, modernas e pós-modernas.

O estudo consiste metodologicamente em uma análise teórica baseada nas obras "Ensaio sobre o conceito de cultura", de Zygmunt Bauman (2012), e "Uma filosofia do design", de Vilém Flusser (2010), centrada nos conceitos de Bauman, como cultura, norma, distinção, pertencimento, modernidade líquida, e de Flusser, como design, programação, forma, aparelho e desprogramação. A partir da análise conceitual dessas obras, busca-se identificar convergências e tensões entre as concepções de cultura e de artefato apresentadas pelos autores, explorando suas implicações para a compreensão do envelhecimento como experiência culturalmente mediada. Justifica-se, assim, a realização desta análise por sua contribuição científica ao integrar tais autores ao campo do envelhecimento e por sua relevância na desconstrução de narrativas sobre a velhice.

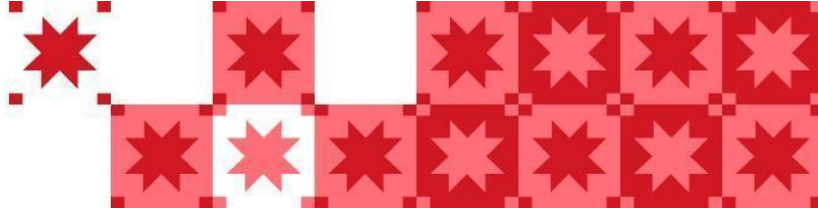


2 Envelhecimento, cultura e desigualdade

O modo como uma sociedade concebe o envelhecimento reflete, simultaneamente, em seus valores e na forma de organizar o viver coletivo. Nas sociedades tradicionais, o avançar da idade era associado à experiência e ao acúmulo de saberes. Os idosos ocupavam posições de relevância na transmissão de valores, histórias e técnicas essenciais à continuidade social. Como afirma Kalache (2025), “os poucos que alcançavam idades avançadas eram valorizados por sua experiência acumulada: o tempo certo de plantar e colher, as técnicas de sobrevivência, a sabedoria prática de uma vida vivida em condições precárias” (p. 46). A sobrevivência era rara e, portanto, honrada.

Com a modernidade, essa realidade se altera profundamente, com sociedades guiadas pelo ideal de produtividade, velocidade e inovação, na qual valoriza-se o novo. O envelhecimento passa a ser lido como perda, declínio ou inadequação. Priore (2025) destaca que a própria palavra “velho” carrega uma marca de obsolescência simbólica. Não apenas o corpo, mas também o conhecimento são interpretados como ultrapassados. Trata-se de uma construção cultural que atravessa séculos e que se expressa tanto no mercado, que movimenta bilhões na promessa da juventude eterna, quanto na exclusão dos idosos dos espaços de decisão, trabalho e vida comunitária.

Esse deslocamento se torna ainda mais evidente no Brasil, país que historicamente exportou ao mundo uma imagem de vitalidade juvenil. Como observa Kalache (2025), “a cultura brasileira sempre vendeu ao mundo uma imagem jovem, vibrante” (p. 12), sustentada durante décadas por altas taxas de natalidade. Contudo, essa aparência oculta uma transformação estrutural, principalmente com as mulheres brasileiras nascidas nos anos 1980 e 1990, que se aproximam da menopausa com poucos ou nenhum filho. A transição de um modelo de alta mortalidade e alta fecundidade para outro de baixa mortalidade e baixa fecundidade alterou a composição etária do país. A revolução da longevidade é fruto da interação desses fatores, conforme os dados demográficos citados anteriormente, produzindo uma nova paisagem social, demográfica e cultural.

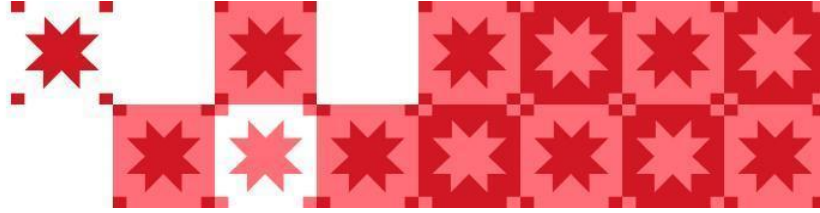


A conquista da longevidade não está distribuída de forma igual. Em um país marcado por desigualdades históricas, envelhecer é, antes de tudo, uma experiência relacional. “Falar da velhice é falar de como envelhecemos. Falar de como envelhecemos é falar das experiências vividas. E falar dessas experiências é também falar de desigualdade e discriminação” (Kalache, 2025, p. 15). As condições de vida relacionadas à saúde, educação, trabalho, moradia, violência e acesso a serviços, moldam profundamente a forma como cada pessoa envelhece. “Quem viveu exposto a carências, violência, exclusão e ambientes inseguros envelhece de forma diferente” (Kalache, p. 15). Assim, coexistem, no Brasil, múltiplas velhices, com algumas pessoas plenas de oportunidades, e outras atravessadas por precariedade, sofrimento e privações. Em uma sociedade em que coexistem várias velhices, muitos chegam a este momento da vida sem condições de usufruí-la.

Toda essa discussão revela que envelhecer é um processo social. Kalache (2025) afirma que é a cultura que “define o que consideramos comportamentos apropriados para cada idade, como distribuímos as responsabilidades do cuidado dos mais vulneráveis e como enxergamos o envelhecimento” (p. 98). Compreender a velhice exige olhar para a sociedade que produz, reproduz, sustenta ou marginaliza os corpos envelhecidos. O surgimento de movimentos como o Pequeno Manual Anti-idadista³, lançado pelo Coletivo Velhices Cidadãs, reforça esse impulso, posicionando-se criticamente contra a patologização da velhice promovida pela tentativa da Organização Mundial da Saúde (OMS) de incluí-la como categoria diagnóstica no Código Internacional de Doenças (CID). Trata-se de uma disputa simbólica central: reconhecer a velhice como etapa da vida e não como enfermidade.

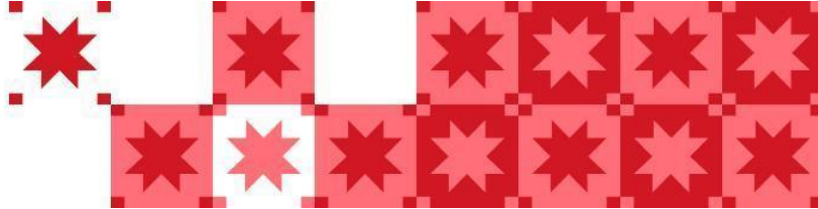
A cidadania dos mais velhos ganha novos contornos com o Estatuto da Pessoa Idosa, lançado em 2013 e revisado em 2022, que fortalece seu protagonismo social ao reconhecer direitos, enfrentar vulnerabilidades e ampliar mecanismos de participação e proteção⁴. Ainda assim, os desafios persistem. A epidemia de solidão, que se instala particularmente entre as pessoas idosas, indica a urgência de políticas públicas (urbanas e sociais) que promovam encontros, vínculos e experiências coletivas. Espaços públicos de convivência, iniciativas comunitárias, arranjos de moradia colaborativa, redes de cuidado e ambientes intergeracionais tornam-se essenciais para a promoção da saúde física, mental e social dos idosos. O desafio contemporâneo, portanto, não é apenas viver mais, mas viver com dignidade, autonomia e pertencimento. Em uma sociedade que envelhece rapidamente, o presente precisa ser construído pela valorização da vida, em todas as suas etapas.

3 A perspectiva de Bauman sobre a cultura



³ <https://portaldoenvelhecimento.com.br/pequeno-manual-anti-idadista-convida-a-autoeducacao-e-a-acao-coletiva>

⁴ No dia 15 de junho, comemora-se o Dia Mundial de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa.

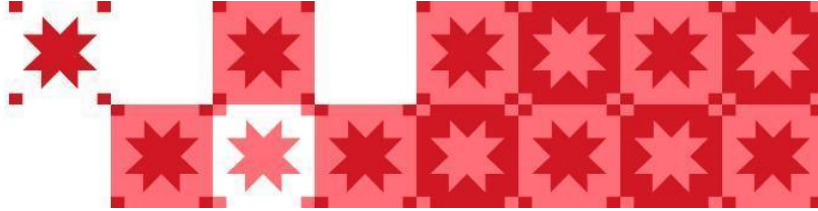


Na modernidade líquida, segundo Bauman (2009, 2012) a cultura deixa de funcionar como um sistema de normas e procedimentos relativamente estáveis para se transformar em algo fluido, mutável e volátil, caracterizando assim as sociedades contemporâneas. Em vez de transmitir tradições, valores consolidados ou padrões duradouros de comportamento, ela passa a operar pela instabilidade e pelo constante imperativo de reinvenção. Essa transformação influencia diretamente a constituição das identidades, relações sociais e narrativas que organizam a vida cotidiana, incluindo, a experiência do envelhecimento.

Nesse cenário, o envelhecer torna-se um processo atravessado por três efeitos culturais: a obsolescência simbólica, as rupturas geracionais aceleradas e a desvalorização da maturidade. O primeiro deles, a obsolescência simbólica, decorre da velocidade com que significados, normas e estilos de vida são substituídos. O novo não dura o suficiente para envelhecer, o que significa que repertórios, competências e memórias acumuladas ao longo da vida tendem a ser depreciados, produzindo nas pessoas idosas sentimentos de inadequação, perda de relevância e desconexão em relação ao grupo social.

O segundo efeito refere-se às rupturas geracionais aceleradas. Nas sociedades líquidas, cada geração se distancia rapidamente da anterior, não por conflitos ideológicos estruturados, mas pela ausência de tempo para sedimentar referências comuns. Esse fato dificulta a constituição de narrativas compartilhadas entre crianças, jovens, adultos e idosos. Esse processo fragiliza o diálogo intergeracional, contribuindo para o isolamento dos idosos.

“A arte da vida significa coisas diferentes para os membros das gerações mais velhas e mais novas, mas todos a praticam e não poderiam deixar de fazê-lo. Hoje se presume que o curso da vida e o significado de cada um de seus sucessivos episódios, assim como seu propósito geral ou destino último, sejam empregos do tipo faça-você-mesmo, ainda que isso consista apenas em selecionar e reunir o tipo certo de jogo de mobília (...)” (Bauman, 2012, p. 76)



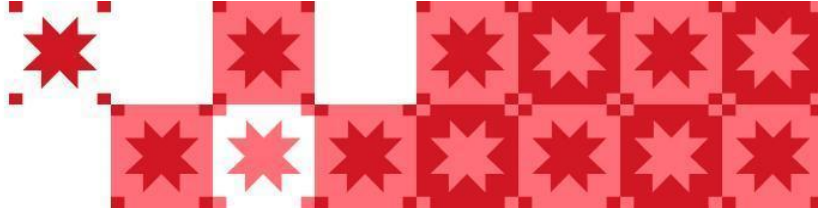
A desvalorização da maturidade constitui o terceiro efeito. A cultura de consumo exalta juventude, vitalidade, velocidade e constante reinvenção, convertendo a velhice em metáfora de declínio e improdutividade. A velhice, assim, torna-se alvo de uma lógica que privilegia corpos jovens, ampliando o preconceito relacionado à idade. O envelhecimento precisa ser compreendido não como um simples dado biológico ou estágio previsível do ciclo da vida, mas como uma construção social e simbólica, moldada por discursos, políticas e práticas culturais que atribuem significados específicos ao corpo que envelhece. Na cultura líquida, que “não oferece ancoradouros sólidos” (Bauman, 2012, p. 35), os idosos transitam por expectativas contraditórias: espera-se que sejam autônomos, ativos e produtivos, ao mesmo tempo em que são associados à fragilidade, ao declínio e à dependência.

A modernidade líquida produz uma invisibilização simbólica, pois “a visibilidade depende da capacidade de consumo” (Bauman, 2012, p. 45). Em sociedades orientadas pelo mercado, aqueles menos integrados ao consumo, o que significa uma boa parcela das pessoas idosas, tornam-se menos reconhecidos socialmente. A memória, elemento central da velhice, encontra pouco espaço em um mundo “instantâneo”, gerando tensão na construção da identidade dos sujeitos que envelhecem, que são obrigados a reafirmar seu lugar social. Dessa forma, o conceito de “velhices múltiplas” (Kalache, 2025) contribui para a compreensão das desigualdades que atravessam o envelhecimento, no Brasil.

4 Flusser e o design da experiência humana

A reflexão de Flusser (2010) sobre o design parte da ideia de que projetar significa modelar a existência. Os objetos, os ambientes e as formas não são neutros. Eles orientam ações, sugerem comportamentos e moldam subjetividades. Como afirma o autor, “habitar é inscrever-se em espaços dotados de intenção” (p. 67). Cada gesto arquitetônico, decisão formal e dispositivo material influenciam na construção dos modos de ser e estar no mundo. Assim, o design contribui na criação de possibilidades e limites para a experiência humana.

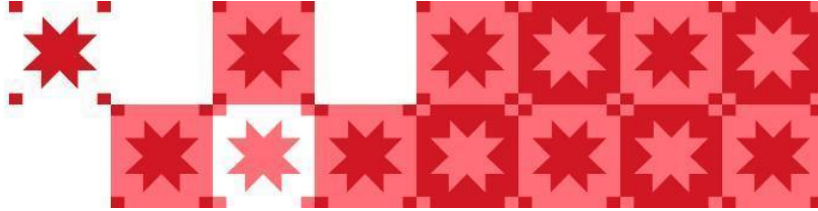
Neste artigo, discutimos especificamente os capítulos 13 (“A arquitetura de Wittgenstein”), 14 (“Paredes Despidas”) e 15 (“Com tantos buracos parece um gruyère”) da obra “Uma Filosofia do Design”, de Vilém Flusser, que oferece conceitos fundamentais para compreender o envelhecimento como um fenômeno arquitetônico, material e cultural. A velhice, nessa perspectiva, é uma experiência mediada por objetos, espaços e materialidades que organizam práticas, percepções e vínculos, campo em que o design se torna força estruturante.



No capítulo 13, Flusser (2010) descreve a casa projetada por Wittgenstein como um ambiente que “pensa por si mesmo” (p. 119), expressando ordem, rigor e clareza. Não se trata apenas de uma construção física, mas de um aparato organizador com suas proporções, geometrias e coerências internas que induzem determinados modos de vida. No campo do envelhecimento, essa reflexão indica que ambientes bem projetados ampliam a autonomia e a dignidade, enquanto ambientes inadequados podem restringir movimentos, participação social e autocuidado. O design, nessa perspectiva, torna-se condição para que certas formas de viver continuem possíveis, promovendo acessibilidade, iluminação e ergonomia, que são as dimensões que contribuem para a experiência do envelhecer.

No capítulo 14, as “paredes despidas” funcionam como uma metáfora da ausência de narrativa. Flusser (2010) afirma que “as paredes falam” (p. 131), pois carregam marcas afetivas, lembranças e histórias sedimentadas ao longo do tempo. Um ambiente nu, sem objetos, referências e signos pessoais indica descontinuidade, ruptura ou deslocamento, que são experiências comuns na velhice, sobretudo em situações de mudança de moradia, institucionalização, viuvez ou perda de autonomia. Para muitos idosos, os objetos que compõem seus ambientes são extensões materiais da memória, tais como fotografias, móveis, lembranças de viagens, elementos que conectam passado, presente e contribuem para a criação das expectativas de futuro. Nesse sentido, projetar espaços que preservam memórias e referências não é apenas uma escolha estética, mas um gesto de cuidado e hospitalidade, capaz de sustentar identidades e fortalecer o sentimento de pertencimento.

No capítulo 15, Flusser (2010) analisa a porosidade das paredes modernas, comparando-as a um “*gruyère*”, como metáfora da hiperconectividade contemporânea. “Os buracos fazem o mundo escorrer para dentro” (p. 145), afirma o autor, indicam que as fronteiras entre o interior e exterior, o público e privado, o íntimo e coletivo tornam-se cada vez mais permeáveis. No campo do envelhecimento, essa permeabilidade produz efeitos ambivalentes, porque pode ampliar o acesso à informação, fortalecer redes de apoio, facilitar cuidados e conectar idosos com diferentes esferas da vida social, mas pode também gerar sobrecarga cognitiva e exposição excessiva, impactando na sua saúde física e mental. São desafios intensos em uma cultura que opera em ritmos velozes e pouco compatíveis com os da velhice.



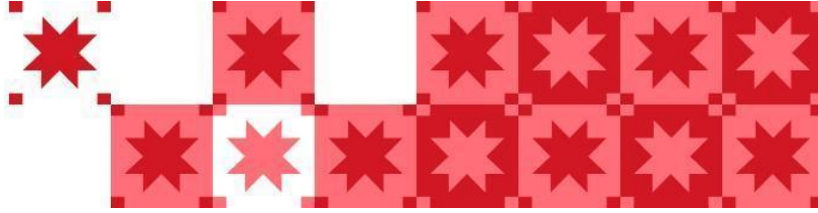
Flusser (2010), portanto, contribui para compreender como o design pode tanto ampliar quanto restringir a experiência de envelhecer, tornando-se elemento central no debate sobre autonomia, cuidado, bem estar e dignidade na velhice. Ao articular arquitetura, objetos, materialidades e comportamentos, ele revela que o envelhecimento é um fenômeno programado por códigos formais e culturais, ou seja, as formas de habitar, lembrar, mover-se e relacionar-se são condicionadas pelas estruturas materiais que organizam o cotidiano.

5 Tecendo um diálogo entre os autores Bauman e Flusser

A interlocução entre Bauman (2009, 2012) e Flusser (2010) contribui para a compreensão do envelhecimento como uma experiência situada na confluência entre cultura e materialidade. De um lado, Bauman evidencia como as condições culturais contemporâneas, marcadas pela fluidez, incerteza e lógica do consumo, moldam identidades, expectativas e modos de vida. De outro, Flusser chama atenção para a dimensão material do existir, expressando nos objetos e na arquitetura como projetamos e somos projetados pelas formas e pela cultura. Essa articulação proporciona um olhar ampliado sobre o envelhecer, compreendendo-o como uma experiência simultaneamente subjetiva, cultural e espacial.

Sob a perspectiva de Bauman (2012), o envelhecimento é um ato cultural, tecido por narrativas que podem tanto empoderar quanto excluir as pessoas idosas. A cultura cria classificações que posicionam a velhice como perda, obsolescência ou risco social. Esses discursos estruturam expectativas, influenciam políticas e moldam práticas sociais, produzindo ambientes simbólicos que reforçam ou reduzem as possibilidades de participação, reconhecimento e cidadania.

Por sua vez, Flusser (2010) discute como os espaços e os objetos, longe de serem neutros, organizam modos de habitar. Na velhice, a adequação arquitetônica e o desenho dos ambientes ganham centralidade nos espaços de moradia e nos programas de cuidado. No entanto, é preciso ir além da dimensão utilitária. Os objetos carregam histórias; os espaços são repositórios de memórias; as paredes, como metáforas das fronteiras entre interior e exterior, expressam o tensionamento entre aquilo que permanece e o que se transforma, como o indivíduo e o percurso que realizou durante a vida. Pensar o design na velhice é pensar o cotidiano como um espaço de significado que sustenta identidades, que projeta a vida.

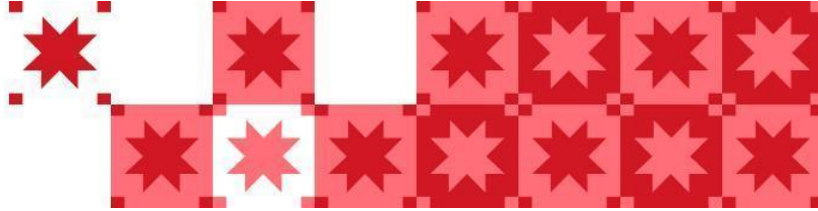


Nesse sentido, conectar design e envelhecimento nos permite refletir que o ato de envelhecer é um processo de construção identitária, que encontra ressonância tanto na crítica de Bauman à cultura que reproduz preconceito quanto na reflexão de Flusser sobre o caráter projetual da existência humana. Precisamos pensar ambientes que integrem segurança, subjetividade e pertencimento, que contribuam não apenas para a acessibilidade, mas também que proponha políticas habitacionais e urbanas que incorporem a dimensão subjetiva destacada por Flusser. A criação de espaços públicos voltados ao envelhecimento em comunidade, incluindo recursos e equipamentos de saúde, bem como centros de convivência, deve acolher as memórias e histórias de vida, sustentar práticas cotidianas e possibilitar a expressão da individualidade, contemplando a diversidade das trajetórias e experiências.

O diálogo entre Bauman e Flusser estabelecido neste artigo, evidencia que políticas efetivas devem articular o simbólico e o material, transformar os discursos excludentes, reorganizar os espaços individuais e coletivos, e ampliar as possibilidades de participação. Iniciativas que promovam a integração entre envelhecimento, cultura e design para projetar novas formas de viver e significar a velhice, no Brasil. O cuidado supre apenas as necessidades funcionais, mas sustenta os projetos de vida por meio do resgate da memória, do olhar atento às necessidades.

6 Conclusão

O diálogo entre as obras de Bauman e Flusser contribui para a compreensão do envelhecimento como um processo simultaneamente cultural, simbólico e material, cujas dimensões se entrelaçam com a constituição da experiência humana. Bauman (2012) analisa o impacto da cultura nas trajetórias de vida, quando aponta para a instabilidade das normas, a aceleração dos ritmos sociais e a predominância da lógica do consumo, contribuindo para que a velhice seja associada à invisibilidade, inadequação e desvalorização da maturidade. Flusser (2010), por sua vez, desloca a atenção para a materialidade que estrutura o cotidiano, demonstrando que o design, como forma de projetar o mundo, estrutura modos de habitar, evidenciando que a experiência de envelhecer é mediada por objetos, espaços e tecnologias.



Nessa perspectiva, os objetos deixam de ser meros artefatos funcionais e passam a ser compreendidos como extensões materiais da memória e da identidade, sendo as fotografias e os móveis, artefatos do cotidiano que condensam histórias e afetos. Ao articular cultura e design, evidencia-se que envelhecer exige uma abordagem integrada capaz de superar visões fragmentadas que reduzem a velhice a questões assistencialistas. Torna-se fundamental reconhecer o idoso como protagonista do próprio percurso, cuja existência se expressa tanto nas narrativas quanto nos objetos que compõem sua vida cotidiana. Em termos culturais, essa perspectiva demanda a revisão dos imaginários que reproduzem e fortalecem preconceitos sobre a velhice, o que gera em muitas pessoas a “velhofobia” (Goldenberg, 20023, p. 15), que é o medo de envelhecer. Em termos materiais, requer a concepção de ambientes que integrem acessibilidade, segurança e funcionalidade a dimensões subjetivas, como identidade, memória e pertencimento. Em termos sociais, implica a construção de políticas e práticas de cuidado que valorizem autonomia, relações e dignidade, reconhecendo o envelhecimento como uma etapa constitutiva da vida.

Em resumo, ao integrar envelhecimento, cultura e design, construímos condições para que a sociedade não apenas acolha, mas valorize a maturidade, reconheça a diversidade das trajetórias de vida, ofereça melhores condições de saúde e bem-estar, e projete ambientes e práticas capazes de oferecer dignidade, autonomia e respeito aos mais velhos.

Referências

Bauman, Zygmunt (2009). A arte da vida. Rio de Janeiro: Zahar.

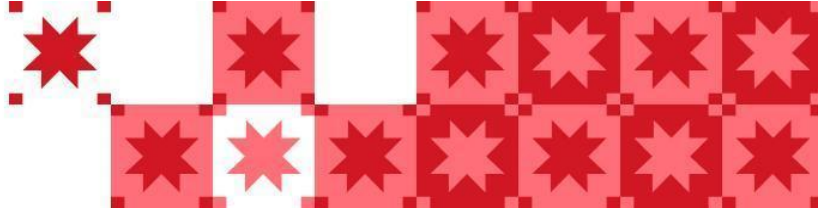
_____, Zygmunt (2012). Ensaios sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: Zahar.

_____, Zygmunt (2012). Sobre educação e juventude. Rio de Janeiro: Zahar.

Estatuto da Pessoa Idosa (2022). Disponível em
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm

Flusser, Vilém (2010). Uma filosofia do design: a forma das coisas. Lisboa: Editora Relógio D'Água.

Goldenberg, Mirian (2023). A invenção de uma bela velhice. Projetos de vida e a busca da felicidade. Rio de Janeiro: Editora Record.



Kalache, Alexandre (2025). A revolução da longevidade. Vivemos mais do que nunca. Mas estamos preparados para isso? São Paulo: Editora Vestígio.

Priore, Mary Del (2025). Uma história da velhice no Brasil. São Paulo: Editora Vestígio.